

UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE

GRAZIELLE FERNANDES SOUZA COSTA

A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR

**Lages
2012**

GRAZIELLE FERNANDES SOUZA COSTA

A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do título de Especialista em Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação, da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC.
Orientador(a): Arlene Aparecida de Arruda

**Lages
2012**

SUMÁRIO

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS	4
RESUMO	5
ABSTRACT	6
INTRODUÇÃO	7
1 A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR	9
1.1 PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO	9
2 ALGUMAS INSERÇÕES NECESSÁRIAS AO CURRÍCULO ESCOLAR PARA MINIMIZAR A VIOLÊNCIA NA ESCOLA	12
2.1 A VIOLÊNCIA ESCOLAR: CYBERBULLYING	12
3 VIOLÊNCIA ESCOLAR: SUAS CAUSAS E DESAFIOS	17
3.1 POSSÍVEIS FATORES QUE BENEFICIAM A PRÁTICA DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA	17
4 BULLYING	24
4.1 CYBERBULLYING	25
4.2 TIPOS DE CYBERBULLYING	26
4.3 TIPOS DE VIOLÊNCIA	27
5 ALGUMAS SUGESTÕES PARA A ORGANIZAÇÃO ESCOLAR	28

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 32

REFERÊNCIAS..... 34

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

TABELA 01: NORMAS PARA O BOM FUNCIONAMENTO DA ESCOLA	100
GRÁFICO N°01: PRINCIPAIS FATORES DA VIOLÊNCIA.....	18
GRÁFICO N° 02: VIOLÊNCIA: UMA REALIDADE	222
GRÁFICO N° 03: TIPOS DE VIOLÊNCIA VIVENCIADAS NO ESPAÇO ESCOLAR ..	233

RESUMO

Trabalho de Conclusão de curso apresentado à Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC, como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação. A presente pesquisa tem como objetivo analisar os incidentes de violência no contexto escolar e os fatores causadores da prática da violência escolar de uma escola pública localizada no município de Lages – Santa Catarina. Para desenvolver a investigação optou-se por pesquisa de campo e pela concepção pedagógica histórico-cultural, do referido curso. No primeiro capítulo, apresenta-se o Projeto Político Pedagógico. No segundo, conceitos e definições de violência. O terceiro capítulo está caracterizado pela definição dos principais fatores geradores da prática de violência. Enfim, no quarto capítulo, define-se o *cyberbullying*, sendo o mais comum tipo de violência praticado atualmente na sociedade. Por fim, apontam-se as diferentes possibilidades para se combater ou minimizar a violência no seio escolar e na sociedade, assim como nas comunidades do mundo virtual.

Palavras-chaves: Violência, Cyberbullying., desafio escolar.

ABSTRACT

Completion of course work presented to the Universidade do Planalto Catarinense - UNIPLAC as partial requirement for the Degree of Specialist in Information and Communication Technologies in Education. This field research has main focus in identifying and analyzing the violence incidents on school environment, as well to identify what are the causes of violence practice on schools in a public school in the Lages City – Santa Catarina. To develop this research literature searches was opted, and other issues such as a questionnaire based on questions about aggression and violence in school. The first chapter presents the Pedagogical Political Project. In the second, concepts and definitions of violence. The third chapter is characterized by the definition of the main factors generating the practice of violence. Finally, the fourth chapter, the cyberbullying is defined, the most common type of violence in society now. Lastly, to show different possibilities to fight and extinguish the violence in school and society, as well as communities in the virtual world.

Key words: Violence, Cyberbullying., school challenge.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de uma das maiores inquietudes dos educadores no seio escolar: a questão da violência, tanto a infantil que se manifesta entre as crianças e adolescentes que frequentam as escolas como aquela, quiçá uma mera consequência, já no pior grau de desenvolvimento, que atinge a sociedade de forma brutal.

Esta pesquisa de campo teve, então, como objetivo analisar os incidentes de violência no ambiente escolar entre educadores e educandos, bem como identificar os tipos e as causas da violência na atmosfera de uma escola pública no município de Lages - SC. Para a realização desta pesquisa, conta-se a participação dos alunos das Séries Finais do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e dos professores da escola “Pássaro Amarelo”.

A preocupação em se combater ou minimizar a violência nas escolas tem crescido consideravelmente diante dos índices da sua ocorrência no espaço escolar. Com o advento do sistema capitalista e a crise da atual sociedade e a quase erradicação de valores humanos e desintegração da estrutura familiar, coube à escola, enquanto instituição, a responsabilidade de ser um espaço de inclusão e de possibilidades para a transformação social.

No primeiro capítulo, apresentam-se aspectos da convivência e do histórico da Escola na qual se realizou a Pesquisa de Campo. O espaço escolar deve ser compreendido de acordo com as atividades exercidas, considerando-se a identidade da escola, seus alunos e a comunidade na qual está inserida.

No segundo, uma reflexão sobre os conceitos e definições de violência, ressaltando-se que há muitas formas de se identificar a violência através de gráficos e depoimentos. Desta forma, interpretam-se maneiras de se combater ou minimizar a violência escolar por meio da compreensão e da reflexão sobre o cotidiano escolar.

Já no terceiro capítulo, serão apontados os possíveis fatores geradores da prática de violência, para tanto se sabe, muitas vezes, que os fenômenos da violência são gerados coletivamente. Desta forma, é indiscutível a necessidade de se identificar medidas para que os estabelecimentos de ensino se apresentem como espaços seguros para seus integrantes. Para identificar as circunstâncias reais em que ocorre a violência, serão demonstrados, em gráficos, os resultados da Pesquisa de Campo.

No quarto capítulo será definido o mais comum tipo de violência encontrado na atual sociedade, pois a tecnologia e os avanços da modernidade têm tomado o espaço na sociedade: o *cyberbullying*.

Assim, far-se-ão algumas reflexões acerca da violência escolar e encaminhamentos possíveis para se extirpar os atos violentos dentro das instituições escolares, a fim de torná-las um espaço de conforto, segurança e convívio sadio entre os indivíduos. Essas análises ocorrerão em torno das práticas docentes, discentes, com vistas à verificação sobre os tipos de violência em que os alunos estão submetidos, baseando-se também na pesquisa bibliográfica e nas diferentes formas de coleta de dados.

1 A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR

1.1 Projeto Político Pedagógico

A escola do campo de pesquisa será denominada “Pássaro Amarelo”. Está localizada no interior do município de Lages-SC, possuía 1254 alunos que frequentaram a Educação Básica no ano letivo de 2010, durante os períodos matutino, vespertino e noturno e cujo Projeto Político Pedagógico da escola insere-se no vislumbrar do vir a ser, na construção de uma prática pedagógica que surge de uma reflexão coletiva, da sociedade que se tem para projetar. É um instrumento político e cultural que se baseia nas diversas colaborações de alunos, pais, professores, diretores, coordenadores e demais envolvidos na atividade da instituição. Tem como diretriz pedagógica o combate à violência escolar e ao alto índice de repetência em determinadas disciplinas. A instituição priorizou a otimização das práticas pedagógicas com planejamento integrado e ênfase nas disciplinas críticas.

Pressupõe a adoção de alguns princípios inerentes à formação desse projeto:

- A formação e desenvolvimento da pessoa humana;
- Articulação da estrutura das disciplinas e atividades curriculares voltadas à dinâmica da função social da escola;
- Tratamento das disciplinas e atividades com flexibilidade;
- Preservação do equilíbrio das diferentes disciplinas e atividades que compõem o currículo e finalmente ação integrada e cooperativa dos professores enquanto agentes responsáveis pela efetivação do Projeto Político Pedagógico.

O Projeto Político Pedagógico, denominado PPP, tem por finalidade, com a participação coletiva da comunidade escolar, eliminar as relações competitivas, corporativas e autoritárias. A

instituição compõe-se de normas para o bom funcionamento que visam a melhoria da ação docente, integração entre comunidade escolar e a comunidade na qual está inserida e corpo discente, bem como otimizar os indicadores da escola.

A escola considera importante o exercício da democracia criando condições para que todo o conjunto aproprie-se de toda a produção histórica universal, onde a questão da autoridade de ser bem definida, não sendo confundida com o autoritarismo. Esta concepção entende que a melhoria da qualidade da escola só poderá ser a do caminho que se faz andando, tomando como referência inicial o fazer cotidiano da escola e do professor na sala de aula, sem menosprezar o valor das práticas tradicionais, cujos aspectos de bom senso devem ser incorporados para que as inovações façam sentido àqueles a quem cabe implementá-las. (PPP, 2011, p. 24).

Tabela 01: Normas para o bom funcionamento da escola

Direitos do estudante	Deveres do estudante	Vetado ao estudante	Encaminhamentos	Da ciência dos pais e responsáveis
Usufruir dos benefícios oferecidos na escola.	Respeitar os princípios éticos.	Impedir a entrada de colegas.	Advertência oral com registro na ata individual.	Uso do uniforme é obrigatório.
Receber em proporções iguais as orientações necessárias à prática das atividades escolares.	Participar das festividades.	Praticar atos ofensivos dentro da escola e nos seus arredores.	Encaminhamento à Direção da escola.	Documentos solicitados junto à secretaria.
Expor as dificuldades.	Respeitar os Gestores, Professores, Funcionários e Colegas.	Promover e participar de tumultos.	Comparecimento dos pais ou responsáveis.	Troca de turno condiciona-se à avaliação pela Direção e à existência de vaga.
Congregar-se nas atividades extracurriculares.	Estudar, realizar e apresentar as tarefas propostas.	Ingerir bebidas alcoólicas, entorpecentes, alucinógenos ou congêneres.	Registro nos órgãos competentes.	Saída do aluno somente com autorização por escrito dos pais e/ou responsáveis.
Acesso às avaliações.	Justificar-se por escrito e assinado pelos pais a=os	Trazer objetos que ofereçam riscos à integridade física das		

	eventuais atrasos e/ou saídas.	pessoas.		
	Entregar aos pais comunicados.	Fumar nas dependências da escola.		
	Zelar pelas instalações da escola.	Causar danos materiais.		
	Permanecer na escola durante o período de atividades.	Agredir ou incentivar agressões físicas e/ou morais.		

Fonte: (Projeto Político Pedagógico, 2011, p. 15-17)

2 ALGUMAS INSERÇÕES NECESSÁRIAS AO CURRÍCULO ESCOLAR PARA MINIMIZAR A VIOLÊNCIA NA ESCOLA

2.1 A Violência Escolar: Cyberbullying

Para que se possa entender a questão da violência na escola, é necessária a definição sobre violência. No entanto, “a percepção da violência no meio escolar muda de acordo com o olhar pelo qual esse meio é abordado. No passado, as análises recaíam sobre a violência do sistema escolar, especialmente por parte dos professores contra os alunos” (ABRAMOVAY et al, 2002, p. 21).

Existem variadas formas de violência e nem sempre a violência física, explícita, é a forma mais perversa. Relacionado ao conceito de cultura, este fenômeno está intrinsecamente ligado aos valores que cada sociedade possui, pois,

A cultura é a criação coletiva de ideias, símbolos e valores pelos quais uma sociedade define para si mesma o bom e o mau, o belo e o feio, o justo e o injusto, o verdadeiro e o falso [...], o espaço e o tempo. A cultura se realiza porque os humanos são capazes de linguagem, trabalho e relação com o tempo. A cultura se manifesta como vida social, como criação das obras de pensamento e de arte, como vida religiosa e vida política (CHAUI, 2000, p.61).

Com o capitalismo houve alterações na estrutura familiar e a escola acaba assumindo várias funções familiares e ao mesmo tempo o processo de ensino e aprendizagem. O debate acerca da violência impulsiona a reflexão, faz com que todos pensem seu papel na construção de uma escola inclusiva e de qualidade. Portanto, há violência explícita quando se atenta contra a

integridade física do outro ou seus bens materiais e há violência simbólica, quando apontamos sua integridade moral ou sua participação social. Contra a primeira, temos o direito. Contra a segunda, apenas a ética democrática.

Há vários desafios e acredita-se que uma das possibilidades pode ser o investimento na formação continuada dos professores para que possam utilizar as tecnologias em sala de aula como fonte de colaboração, compartilhamento e de trabalho coletivo salientada por (ARROYO, 2009, p.10):

Reconheçamos, hoje se impõe falar sobre os alunos e as alunas, sobre o que vem acontecendo com as imagens da infância, a adolescência e a juventude e, conseqüentemente, sobre o que vem acontecendo com nossas imagens profissionais. Falar dos educandos será outra maneira de falar de nós mesmos. Porém, com que olhar aproximar-nos? Às voltas com as transformações que acontecem com a infância, adolescência e juventude nas últimas décadas, torna-se inevitável perguntar-nos: que imagens e que tratos darão conta destas transformações? Se acertarmos com os tratos que deem conta das transformações concretas de viver esses tempos da vida com que convivemos por ofício, talvez acertaremos com nossas próprias identidades. Aí vejo o significado positivo do incômodo e do mal-estar vivenciado nas escolas.

O conflito escolar exige uma reflexão coletiva sobre as práticas pedagógicas e sobre as relações interpessoais que, na grande maioria das vezes, é configurada no conflito. O currículo escolar deve ser redimensionado para que o Ouvir e o Dialogar sejam eixos norteadores do planejamento escolar. Prática esta que exclui o ato de se postar como vítima de uma “sociedade inadequada” para dar lugar para o compromisso social e que auxilia na construção de uma escola de qualidade. Lévy (1997, p. 71) aponta as três virtualizações que compõem o humano que são a linguagem, a técnica e o contrato. Quanto ao nascimento das linguagens ou à virtualização do presente:

A linguagem, em primeiro lugar, virtualiza um “tempo real” que mantém aquilo que está vivo prisioneiro do aqui e agora. Com isso, ela inaugura o passado, o futuro e, no geral, o Tempo como um reino em si, uma extensão provida de sua própria consistência. A partir da invenção da linguagem, nós, humanos, passamos a habitar um espaço virtual, o fluxo temporal tomado como um todo,

que o imediato presente atualiza apenas parcialmente, fugazmente. Nós existimos.

Diante disso, faz-se imprescindível lembrar que existem muitas formas para enfrentar o problema da violência, principalmente o da linguagem e o da escuta para que todos possam conviver mesmo em situações de divergência presente na diversidade humana, o que propicia a formação cidadã. E assim confirma que: “A partir da linguagem, nós humanos, passamos a habitar um espaço virtual, o fluxo temporal tomado como um todo, que o imediato presente atualiza apenas parcialmente, fugazmente. Nós existimos” Lévy, (1997, p. 71). Assim, a existência humana é decorrente de conflitos e de buscas constantes que induzem a pensar no tempo humano, um tempo real. Segundo (ARROYO, 2009, p. 187):

Tempo, tempo, tempo [...] A escola com seus tempos rígidos, predefinidos, enquanto os tempos da sobrevivência, do trabalho são imprevisíveis. Duas lógicas temporais tão difíceis de aproximar. Um professor comentou: “difícil para as crianças e adolescentes, jovens ou adultos que estudam, e difícil para nós professores”. A rígida lógica temporal da docência não é fácil de articular com os tempos de família, da condução, das distâncias.

Constata-se, nesta pesquisa, a abordagem de Arroyo que: “O estudo do tempo já é familiar nas escolas que reorganizaram a lógica seriada e está construindo uma organização guiada por outra lógica temporal, a lógica dos tempos de vida dos educandos e os tempos de seus mestres” Arroyo, (2009, p. 187). Pensar na construção de um currículo escolar diferente significa ressignificar o espaço escolar, através de um novo tempo e de recursos atualizados.

Ao se detectar a violência de forma generalizada na família, nas escolas e na sala de aula, essas situações afloram transformando-se num palco de discórdia, de violência, de resistência, de desacato e de caos. O tempo da escola deve ser destinado à manifestação coletiva e a linguagem assume um papel fundamental. Para (LÉVY, 1997, p. 72):

Quanto mais as linguagens se enriquecem e se estendem, maiores são as possibilidades de simular, imaginar um alhures ou uma alteridade. Neste ponto, reencontramos mais uma vez um caráter importante da virtualização: ao liberar o que era apenas o aqui e agora, ela abre novos espaços, outras velocidades.

Ligada à emergência da linguagem, surge uma nova rapidez de aprendizagem, uma celebridade de pensamento inédita. [...]. O próprio tempo bifurca-se em direção a temporalidades internas à linguagem: tempo próprio da narrativa, ritmo endógeno da música ou da dança.

O compartilhamento de ideias, das diferentes linguagens e da maneira de olhar o mundo, quando não há essa compreensão surgem os conflitos. Nos espaços públicos ocorrem novas formas de convívio e, principalmente, de interações no processo de ensino e aprendizagem. Nos espaços virtuais o que era interno e privado torna-se externo e público. Mas isso é igualmente verdade no outro sentido: quando escutamos música, olhamos um quadro ou lemos um poema, internalizamos ou privatizamos um item público.

A escola se destituiu de sua real função educativa e se tornou uma instituição assistencialista. As crianças fazem pontos próximos às escolas e até mesmo dentro delas, comandando a droga e a violência. Na escola, existem usuários de drogas, pichadores, ocorrem depredações de móveis e carteiras, intimidações de diversas formas.

Muitas vezes, confundida com violência, a indisciplina quer significar a ação ou a omissão que contravém à ordem, ao regulamento, à disciplina, que deveriam ser refletidos. As políticas públicas deveriam ser voltadas para a população menos favorecida, excluídas do exercício da cidadania. Dessa maneira, a hierarquia imposta pela instituição escolar tem sido contestada, na medida em que conduz à naturalização das formas mais elementares de violência, assumindo-as como inevitáveis. A ideia que acaba por passar é que só se coloca o problema da violência de todos os tipos, principalmente de bullying:

Segundo um estudo realizado em 2001, pela *Kaiser Family Foundation & Children Now* (Fundação Kayser & As Crianças de Hoje), “crianças entrevistadas relatam que o ataque de *bullies* é o item mais frequente *sic* na lista de razões que ameaçam sua segurança física e seu bem-estar emocional”. Portanto, esse é o aspecto mais importante a ser observado por pais e educadores. (CARPENTER & FERGUSON, 2011, p. 20).

O problema da violência vai além das suas causas geradoras e o Projeto Político Pedagógico deve evidenciar essa preocupação com a inserção de reflexões em torno das políticas

públicas e do papel da escola nesse processo através da discussão direta e simples. Aponta Boneti (2007, p. 08) três aspectos principais: “[...] a complexidade que envolve o princípio da elaboração das políticas públicas, sua operacionalização e, finalmente, o que vem o “caráter” das políticas públicas.” Estas são originadas de ideias, vontades..., mas de quem e como. Ainda para Boneti (2007, p. 09) “[...] o contexto dos fatores determinantes que dão origem a uma ideia (sic) de política pública, como o caso da conjugação de interesses, as inserções ideológicas, as concepções científicas, as correlações de forças sociais, etc.” Todos estes aspectos devem fazer parte do currículo escolar para que as crianças e jovens que são vítimas de todo esse emaranhado não sejam culpadas e excluídas do espaço escolar. É interessante desvelar as causas da violência e seus desafios.

3 VIOLÊNCIA ESCOLAR: SUAS CAUSAS E DESAFIOS

3.1 Possíveis Fatores que Beneficiam a Prática da Violência na Escola

São vários os fatores que propiciam as práticas da violência na escola e para uma maior compreensão Boneti explicita e apresenta as relações que envolvem o Estado, as classes sociais e a sociedade civil, relações estas que originam as políticas públicas:

Entende-se que cada momento histórico produz, no contexto da inter-relação entre a produção econômica, cultura e interesses dos grupos dominantes, ideologias a partir das quais verdades relativas tornam-se absolutas. Estas verdades absolutas, construídas ideologicamente em cada formação social, produzem e referenciam as ações institucionais e, em particular, a elaboração e a operacionalização das políticas públicas. (BONETI, 2007, p.11)

As causas familiares da violência são as que mais se evidenciam, pois é a primeira instituição social na qual se inserem os indivíduos. É nela que se adquirem modelos de comportamento que são exteriorizados na sociedade. Em tempos passados, a pobreza, a violência doméstica e o alcoolismo foram apontados como as principais causas vivenciadas no ambiente familiar. Hoje, aponta-se também a desagregação dos casais, drogas, ausência de valores, permissividade, demissão dos pais, entre outros. Estes dados enfrentados pelos educadores são provenientes de uma nova configuração originada pelo processo de globalização.

Na maioria das ocorrências, as causas da violência são advindas do âmbito da saúde mental infantil e adolescente, da proteção social. Estes aspectos devem ser refletidos no âmbito da noção de desigualdade adotada pelas políticas públicas que, conforme (BONETI, 2007, p. 29):

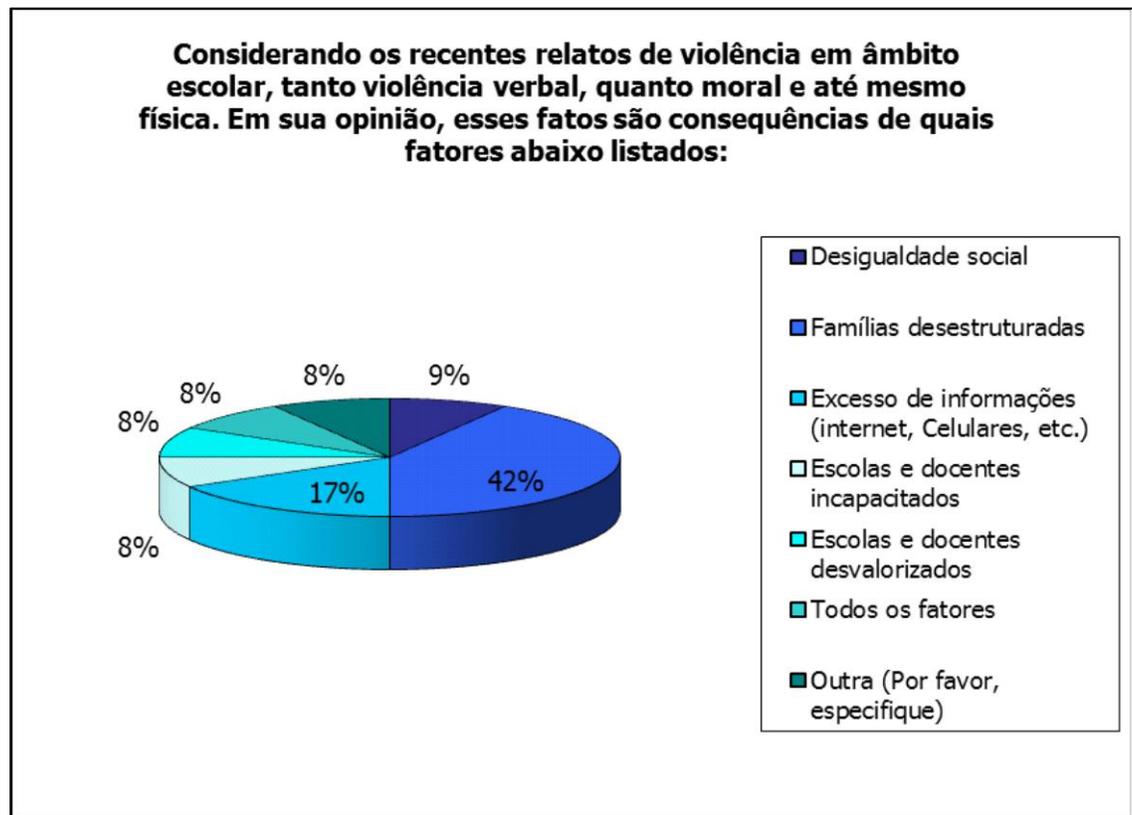
Em geral os agentes definidores das políticas públicas que representam os interesses das classes dominantes e que têm poder de barganha no âmbito da correlação de forças na sua definição não levam em consideração o caráter desigual da sociedade e consideram que a igualdade se resume na conquista de interesses específicos dos grupos e indivíduos por meio das instâncias jurídicas, como se a possibilidade de acesso aos direitos sociais fosse igual para todos.

Esses fatores interferem diretamente nas vivências escolares e as escolas, na verdade, não estão preparadas para enfrentar a complexidade dos problemas atuais. A escola também reflete o modelo violento de convivência social. O mais grave é que muitos educadores não se apercebem como violadores dos direitos dos alunos. É a violência sutil que, em geral, não se verifica de forma tão explícita e serve para disseminar os conflitos. Alunos desmotivados pelas perspectivas de desemprego, visão negativa da escola, responsabilidade social, punições individuais, professores crispados pelas políticas educativas: são estas as principais causas da indisciplina e da violência nas escolas.

A violência na escola é um assunto "velho" com uma nova visibilidade. Boa parte dos alunos considerados "problemáticos" não esperam nada da escola, estão lá apenas porque não têm alternativas e são forçados a isso. Os fenômenos da violência são gerados coletivamente. A turma constitui um coletivo, e, portanto, o ato de indisciplina aparece encabeçado, o protagonista não é necessariamente o principal responsável pela cena porque a responsabilidade gera-se num contexto maior. Para Boneti, (2007, p. 29): "[...] a noção em si da desigualdade, da desigualdade e da pobreza. Em outras palavras, necessário se faz compreender melhor a interferência do pensamento social e das instituições em relação à desigualdade e à pobreza sobre a elaboração e operacionalização das políticas públicas."

Conforme se observa no gráfico nº 01 abaixo, foram questionados alunos da escola "Pássaro Amarelo" como análise dos recentes relatos de violência em âmbito escolar, tanto violência verbal, quanto moral e até mesmo física.

Gráfico N°01: Principais fatores da violência



Fonte: Pesquisa de Campo

Os fatores de violência, portanto, na opinião dos entrevistados, estão consequentemente relacionados: 42% à situação familiar; 17% ao excesso de informações como internet, celulares, etc.; 9% à desigualdade social; 8% às escolas e aos docentes despreparados; 8% às escolas e aos docentes desvalorizados; 8% indicaram outros fatores; e 8% afirmaram que a violência está relacionada a todos os fatores.

Deste modo, são apontadas como causas da violência:

A Família: É neste núcleo que as crianças e jovens adquirem os modelos de conduta que exteriorizam. A pobreza, violência doméstica, alcoolismo, tóxicos, dependências químicas, promiscuidade, desagregação dos casais, ausência de valores, detenção prisional, permissividade, demissão do papel educativo dos pais, entre outros, são os principais desafios vivenciados no ambiente familiar. Normalmente, os indivíduos que vivem estas problemáticas familiares são sujeitos e alvos de violência. Impotentes para lidarem com a violência dos seus descendentes esperam que a escola gerencie os conflitos e a agressividade. Refletir sobre as tensões existentes entre escola e comunidade requer pensar sobre o currículo escolar, ou seja, até que ponto a escola

consegue administrar esses conflitos vividos pelas crianças, jovens e até adultos. As tensões geradas por estar atrás das grades escolares segundo (ARROYO, 2008, p. 210):

Estar atrás das grades nunca deve ter sido pacífico [...]. Sei que grades, disciplinas, delegacias ou regimentos podem surgir outros ofícios. Outros espaços onde realmente a paz sempre será uma ameaça. Até atrás das grades de segurança máxima há tensões. Falando de nossos espaços, a escola e suas grades curriculares ultimamente estão meio inseguras. As inovações e as transgressões têm sido uma constante. A ousadia dos docentes chega ao ponto de questionar o sentido das próprias grades.

As inovações e as mudanças exigem a ressignificação das práticas escolares que, sem dúvida, estão permeadas de insegurança e até mesmo medo de não conseguir acompanhar as tecnologias educacionais que estão presentes no convívio dos estudantes e da comunidade de modo geral. E como diz (ARROYO, 2008, p. 211), os tempos escolares tencionam a docência:

O debate em torno da equalização das grades em realidade é mais do que um debate sobre os conteúdos de nova docência. Ele toca o perfil de profissional ou de profissionais. Toca nas hierarquias internas à categoria, nos prestígios e no mercado cativo de trabalho. Não são os educandos e nem sequer os docentes que preferem cinco horas-aula de umas matérias e apenas uma ou duas de outras. É um mercado definido em lei. São cadeias cativas por decreto.

Esses processos legitimam filosofias e concepções de educação e reforçam a violência vivida pelos alunos ao olhar os sujeitos escolares como vítimas de políticas públicas excludentes e desumanas. É o nosso propósito de docentes entender que a prática escolar é alicerçada em grades que requerem uma análise. Para (ARROYO, 2008, p. 211):

De tanto viver, planejar e agir, dentro das grades curriculares, nós pensamos e pensamos o mundo, a sociedade e a história, os educandos, e sobretudo pensamos o conhecimento e a cultura gradeados, hierarquizados. Separamos cultura nobre da menos nobre. As matérias mais exigentes das mais fáceis de levar. O que cai ou não cai em concursos, nos provões, no vestibular. Separamos os saberes mais importantes para a vida dos descartáveis.

Os fazeres escolares são intensificados e materializados em grades escolares, o que impossibilita olhar a realidade social em sua totalidade. As crianças ou os alunos, de um modo geral, são responsabilizados pelo seu fracasso porque dizem não a esse sistema agressor e excludente. Por isso os saberes são destinados para quem e como ficam os descartáveis, como afirma Arroyo.

Os alunos: O que faz com que um aluno exerça violência? O cerne da questão é que muitas escolas tentam resolver os problemas para os quais não estão preparadas e não têm clareza do valor das práticas pedagógicas para esta criança que é excluída do processo educacional devido às políticas públicas que não sustentam as necessidades mínimas da sociedade. Alguns alunos conformam-se e conseguem permanecer na escola sem fazer grandes revoluções, outros se impõem, colocando em questionamento as normas estabelecidas, a autoridade, e se revoltam contra os professores e colegas como ato de poder. “Gerações de educandos têm padecido essas polarizações. Têm saído da escola bons em uma matéria, e, no entanto odiando outras. Quebrados no seu desenvolvimento cultural, cognitivo, ético, estético, mas bons nas matérias nobres”. Arroyo, (2008, p.211).

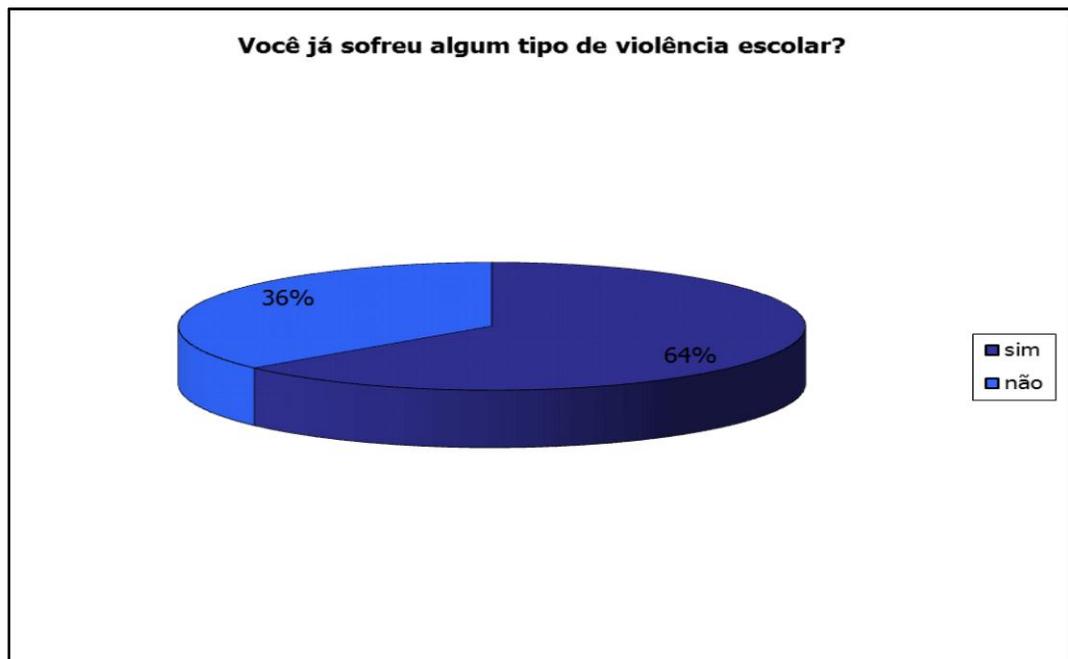
Os grupos e turmas: Enquanto conjunto estruturado de indivíduos, têm muita importância nos processos de socialização e de aprendizagem para os jovens. Influenciam certos comportamentos que os adolescentes demonstram, sendo o resultado de processos de imitação de outros membros do grupo. Em certas manifestações públicas de violência, os jovens procuram obter segurança, respeito e prestígio pelo restante da comunidade escolar. Numa sociedade onde os grupos familiares estão cada vez mais desagregados, este vazio é preenchido por estes grupos formados a partir de interesses e motivações diversas. Na verdade, a escola tem dificuldade de reconhecer como se veem os jovens em questão de pertencimento a determinadas tribos ou grupos sociais. Por isso “Negamos às crianças, aos adolescentes e jovens e aos futuros adultos o direito humano a saber-se humanos. O direito à riqueza e à herança cultural acumulada e tão diversificada” (Arroyo, 2008, p. 2011).

A escola: No passado, e ainda hoje se registram alunos que são estigmatizados e esquecidos no fundo das salas de aula. Ao fazê-lo, criam focos de revolta por parte daqueles que legitimam a exclusão e os aprendizes se sentem marginalizados.

Na realidade, as escolas não estão preparadas para enfrentar a complexidade dos problemas atuais, designadamente os que se prendem com a gestão das suas tensões internas. A crescente participação dos alunos, pais, entidades públicas e privadas nas decisões tomadas nas escolas, tornou-se uma fonte de conflitos e não raramente terminam em situações de descontentamento e de agressividade. É urgente e necessário mudar o estilo de gestão, conforme Arroyo, (2008, p. 220): É urgente mudar as formas de gerir os sistemas escolares e as escolas, de gerir os currículos e os profissionais. É urgente também inovar as formas de gerir as inovações educativas [...]. O que estou sugerindo é que não inovaremos a prática educativa nas escolas sem mudar, e radicalmente, a prática administrativa e de gestão.

Ainda na entrevista com os voluntários da escola “Pássaro Amarelo” questionou-se se os mesmos já haviam sofrido alguma forma de violência, como mostra o gráfico nº 02 abaixo:

Gráfico N° 02: Violência: uma realidade

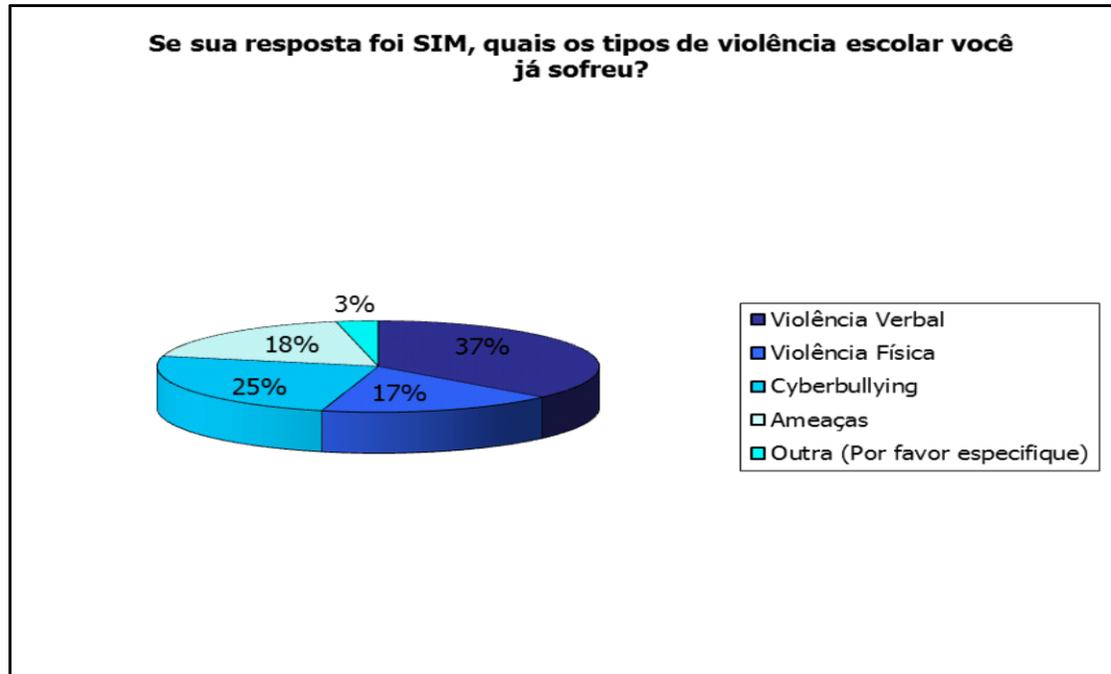


Fonte: Pesquisa campo

Os resultados da pesquisa confirmam a violência escolar sendo que 64% dos voluntários afirmaram já ter sofrido alguma forma de violência dentro do espaço escolar e apenas 34% dos entrevistados afirmaram não ter sofrido nenhuma forma de violência no espaço escolar.

Diante da confirmação da violência vivida pelos voluntários, em sua maioria alunos da escola “Pássaro Amarelo”, identificaram-se os tipos de violência, conforme se observa no gráfico nº 03:

Gráfico N° 03: Tipos de violência vivenciadas no espaço escolar



Fonte: Pesquisa campo

Os tipos de violência podem ser verbais e físicos e, em muitos dos casos, os fatores da violência são provenientes da saúde mental infantil e adolescente dos agressores: 37% dos entrevistados afirmaram ter sofrido violência verbal; 25% afirmaram ter passado por situações de *cyberbullying*; 18% alegaram ter sofrido ameaças; 17% confirmaram a violência física dentro da escola e apenas 3% dos entrevistados disseram ter passado por outro tipo de violência na escola. Esse processo materializa e legitima o cotidiano dos estudantes e não podemos desvincular do “[...] movimento histórico de humanização e desumanização que acompanha os seres desde a sua infância e a realidade concreta das crianças que frequentam a escola pública estão aí r nos esse movimento de humanização e desumanização, Arroyo, (2009, p. 242)”.

4 BULLYING

Bullying é definido por CARPENTER & FERGUSON (2011, p. 19-21) como o comportamento agressivo intencional que pode se expressar de diversas maneiras (verbal, física, social e emocionalmente; em relacionamentos, pela internet, ou numa combinação de vários desses fatores). É gerado pelo desequilíbrio de poder e ocorrem repetidas vezes, durante um período de um tempo. Surge espontaneamente, não como reação a provocações, e possui modalidades diversas (uma criança passa a maltratar outras, um grupo de crianças se une para atacar uma terceira ou um grupo ataca outro).

As características mais comuns do *bullying* são a discriminação, a chacota, apelidos pejorativos, boatos, ameaças verbais, provocações, intimidação, isolamento ou exclusão e a agressão física. Pode ocorrer em qualquer lugar, porém é mais comum em locais onde há poucos adultos para supervisionar, como ônibus, ponto de ônibus e banheiros, corredores, lanchonetes, pátios de escolas e ainda em casa. Também pode ocorrer quando crianças se reúnem para brincar em uma casa ou quintal e permanecem durante muitas horas sem supervisão de adultos.

A maioria dos *bullies* são meninos, no entanto, as meninas também o podem ser. As meninas que são *bullies* utilizam, às vezes, métodos indiretos, como fofocas, a manipulação de amigos, mentiras e a exclusão de outros de um grupo.

“É caracterizado por violência recorrente, desequilíbrio de poder e intenção de humilhar; a prática, frequente *sic* nas escolas, pode levar as vítimas ao suicídio”. O *bullying* ocorre com mais frequência no ambiente escolar. Os professores também não estão vacinados contra o *bullying*. Como se não bastasse sofrer uma grave fobia escolar que o impedia de trabalhar, um professor ainda é obrigado a suportar discriminação, humilhação e ameaças veladas de colegas insensíveis, invejosos e vingativos.

Ao sofrer a violência do tipo *bullying*, tanto as crianças como os adultos, sozinhos, não têm como se defender. Os colegas, embora digam repudiar esse tipo de violência psicológica e sentirem pena, declaram que nada podem fazer para defendê-los, com medo de ser a próxima

vítima.

Muitas crianças, vítimas de *bullying*, desenvolvem medo, pânico, depressão e geralmente evitam ir à escola, inventando várias mentiras como dor de cabeça e mal-estar, quando nada se faz em defesa da vítima. A fobia escolar geralmente tem como causa algum tipo de violência psicológica.

A maioria dos casos de *bullying* ocorre no interior das salas de aula, sem o conhecimento do professor. Além de conviver com um estado constante de pavor, uma criança ou adolescente vítima de *bullying* talvez seja a que mais sofre com a rejeição, isolamento, humilhação, a ponto de se ver impedida de se relacionar com quem ela deseja, de brincar livremente, de fazer a tarefa na escola em grupo, porque os mais fortes e intolerantes lhe impõem tal sofrimento.

Também faz parte dessa violência impor à vítima o silêncio, isto é, ela não pode denunciar à direção da escola nem aos pais, sob a pena de piorar sua condição de discriminada. Pais e professores só ficam sabendo do problema através dos efeitos e danos causados, como a resistência em voltar à escola, queda de rendimento escolar, retraimento, depressão, distúrbios psicossomáticos, fobias, etc.

4.1 Cyberbullying

Pode ser definido como intimidação, assédio ou ameaças repetidas conduzidas por meio de qualquer via de tecnologia da comunicação, incluindo e-mail, mensagens instantâneas, salas de bate-papo, sites de relacionamento, telefones celulares, etc.

Na sua prática, utilizam-se das modernas ferramentas da internet e de outras tecnologias de informação e comunicação, móveis ou fixas, com o intuito de maltratar, humilhar e constranger. É uma forma de ataque perversa que extrapola em muito os muros da escola, ganhando dimensões incalculáveis.

Como se caracteriza, a intimidação geralmente é vista como um subconjunto dos comportamentos agressivos, sendo assinalada por sua natureza repetitiva, ou seja, a mesma vítima é tomada como alvo inúmeras vezes. E quase sempre existe desequilíbrio de poder. Além disso, a vítima não consegue se defender com facilidade por uma ou mais razões.

Quando os ataques são crônicos, as vítimas podem se tornar agressoras; em casos extremos, resultam em tragédias escolares, como as que se têm acompanhado constantemente na

mídia. O *cyberbullying* poderia ser traduzido como Coerção Cibernética ou, simplesmente, abuso online. É um ato criminoso, cruel e, sobretudo, covarde, enquadrado na mesma categoria da tortura psicológica.

Pode aparentar sutileza acadêmica, mas não é, faz uma diferença significativa, principalmente para a vítima. Uma coisa é o agressor agir só; outra é agir com uma platéia *sic* favorável ou no mínimo omissa. [...] No cyberbullying, a tipologia dos personagens do bullying tradicional pode ser mantida (também por convivência didática), porém, com nuances diferentes, sobretudo, pelas características da interatividade virtual e do anonimato... (MELO, 2011, p. 26 - 33)

4.2 Tipos de cyberbullying

Segundo CARPENTER & FERGUSON (2011, p. 189-194), existem vários tipos de *cyberbullying*, sendo alguns:

- Assédio: Para que seja classificado como assédio tem que ter as seguintes características ofensivas e repetitivas, e ocorrer online:
 - *Flaming* (inflamar, atear fogo): Esse se caracteriza por trocar mensagens online de conteúdo hostil ou agressivo.
 - Difamação: Definição do dicionário é “ferir a honra, desacreditar uma pessoa publicamente”. Então pode ocorrer quando espalham mentiras ou rumores ao seu respeito, pode ser feita de diversas maneiras: via e-mail e mensagens instantâneas, por exemplo.
 - Despersonalização: Quando uma pessoa se faz passar pela vítima, rouba sua identidade, podendo passar mensagens agressivas e ofensivas a todos os seus contatos online.
 - Traçaças: Muito simples de fazer, e atinge principalmente os relacionamentos e a vida pessoal da vítima.
 - Uso de informações pessoais: Espalhar informações pessoais da vítima a outras pessoas, muito comum entre as meninas.
 - Exclusão: Ocorre quando a vítima é bloqueada por seus contatos, assim se sente excluída.
 - Exposição indevida: Ocorre quando fotografias e vídeos comprometedores são postados online.

4.3 Tipos de violência

As ameaças: A primeira modalidade de violência contra a pessoa consiste em ameaças, ou seja, promessas explícitas de provocar danos ou de violar a integridade física ou moral, a liberdade e/ou bens de outrem.

As brigas: As brigas representam uma das modalidades de violência mais frequentes nas escolas, abrangendo desde formas de sociabilidade juvenil até condutas brutais. Esse tipo de agressão entre alunos manifesta-se, inicialmente, por ataques verbais proferidos pelos mesmos. É quando se torna difícil estabelecer demarcações precisas entre tipos de violência, como brigas e ameaças. O mais comum nas escolas parece ser situações-limite entre os bate-bocas e discussões.

5 ALGUMAS SUGESTÕES PARA A ORGANIZAÇÃO ESCOLAR

Mesmo que a violência nas escolas não se expresse em grandes números e apesar de não ser no ambiente escolar que aconteçam os eventos mais violentos da sociedade, ainda assim, trata-se de um fenômeno preocupante. Preocupa porque afeta diretamente agressores, vítimas e testemunhas dessa violência e, principalmente, contribui para romper com a idéia *sic* da escola como lugar de conhecimento, de formação do ser, de educação, como veículo, por excelência, do exercício e aprendizagem, da ética e da comunicação por diálogo e, portanto, antítese da violência (ABRAMOVAY & OUTROS, 2002, p. 26).

Diante desse desafio as práticas docentes devem propiciar conhecimentos que sejam significativos aos alunos, atualmente as escolas estão recebendo orientações e material pedagógico muito rico da (MARTINS, 2012) que orienta e norteia a prática pedagógica de forma interdisciplinar no desencadear de todo o ano letivo com os seguintes temas: - Diversidade étnica, de gênero e do campo; com Temas transversais: - Educação em Direitos Humanos e Cidadania; - Educação e Prevenção; - Educação e Saúde; - Educação Ambiental; - Educação e Segurança Nutricional; - Educação das Relações Étnico-Racial; - Educação Financeira; - Educação no Trânsito e Educação e Prevenção.

Os quais tem por finalidade a contribuição para a formação integral dos estudantes por meio de ações de prevenção, promoção e atenção à saúde, construção e manutenção da paz e compromisso com a vida no/do Planeta. Através dos seguintes encaminhamentos: Estatutos (Criança e Adolescente, Idoso); -NEPRE (Política de educação, prevenção, atenção e atendimento às violências na escola) /GERED; - NEPRE/Escola; - Escola sem homofobia; - Campanha da paz; - Bullying; - Drogas; - Gênero; - Sexualidade entre Outros. A prática escolar deve sofrer mudanças no Currículo; PPP; Grupos de estudo; Formação continuada; Campanhas;

Parcerias; Projetos; Feiras; Periódicos; Palestras; Registros; Divulgação; Envolvimento da comunidade; Material didático/SED; Oficinas e Outros. Estas ações exigem certos movimentos, tais como: - Formação continuada na regional e na escola com vistas à sensibilização e à construção de estratégias para melhor equacionar questões ligadas a Diversidade e Temas Transversais na perspectiva da Educação em Direitos Humanos; flexibilização no Currículo da escola e inserções no PPP; - Socialização e visibilidade das práticas escolares (UE, GERED, ESTADO); - Materiais da diversidade para biblioteca e sala de aula: utilizar com conhecimento, planejamento e direcionamento pedagógico: articulador, gestor escolar e professor.

A reorganização escolar de forma coletiva propicia a democratização e a minimização de violências simbólicas ou físicas, pois o indivíduo consegue visualizar e interferir, argumentar e reivindicar. Ações estas que situam o indivíduo no mundo e ao mesmo tempo levam-no a ter autonomia, bem como a reivindicação e ampliação de seus direitos.

Também, de acordo com Abramovay & Outros (2002, p. 75) deve-se considerar importante, para que a violência escolar seja minimizada em nossa realidade, enfatizar as seguintes ações:

Lazer e abertura do espaço escolar;

- Implementar programas para abertura das escolas no final de semana com propostas de envolvimento da comunidade, da família e dos alunos em atividades culturais, artísticas, esportivas e de lazer, com a tônica em educação para a cidadania e na construção de uma Cultura de Paz;
- Promover atividades (artes, esportes, etc) que envolvam os alunos da escola, a comunidade e a família;

Interação de escola, família e comunidade;

- Promover a socialização das famílias e da comunidade em que se situa a escola, para a redução da violência;

Atividades interdisciplinar;

- Conscientização dos alunos quanto às consequências do uso de armas, de drogas, roubos e assaltos, preconceitos contra homossexuais e atitudes discriminatórias quanto às diferenças étnicas e de gênero;
- Campanhas de combate à violência com apoio dos meios de comunicação de massa e outras instituições de mobilização;

Clima da escola;

- Cuidar do estado físico e da limpeza da escola. Criar ambientes agradáveis, boa ventilação e iluminação, mobiliário em bom estado e espaço adequado para as atividades escolares e de lazer;
- Desenvolver sentido de pertencimento à escola com a participação de todos os seus integrantes em diversas atividades;
- Contar com espaços para laboratórios químicos, de informática e para o desenvolvimento de atividades artísticas e esportivas;
- Incentivar cursos de grafite e restauração, estimulando o sentido de pertencimento à escola e combatendo o vandalismo e a pichação do patrimônio escolar.

Normas:

- Ter regras claras de disciplina e de expectativa quanto ao convívio e aprendizagem escolar;

Sensibilização:

- Sensibilizar o corpo docente a respeito das questões relacionadas à violência, seja entre alunos, seja entre esses e os professores e funcionários;
- Reforçar programas relacionados a culturas juvenis, sexualidade e drogas entre outros, para o corpo técnico-pedagógico da escola e demais envolvidos no ambiente escolar;

Mídia:

- Promover debates e encontros com jornalistas e outros profissionais da mídia com vistas a reflexão das atividades escolares;
- Valorização e organização dos jovens;
- Valorizar os jovens, respeitando sua autonomia e os casos de conflito, discutindo diretamente com os envolvidos;
- Estimular a criação de grêmios ou de entidades de formato próprio;
- Discutir com os jovens o tema da violência, embasando-se na experiência e linguagem deles;
- Estimular o uso do mural organizado pelos alunos;
- Discutir com os pais, a comunidade em que se situa a escola, o corpo técnico-pedagógico, alunos e funcionários as medidas a serem implementadas na escola;

- Promover linha de pesquisa sobre violência na escola pelo Estado, com a colaboração de distintos especialistas e entidades;
- Conhecer as experiências de outras escolas que realizam trabalho contra a violência;
- Avaliar a situação de violência nas escolas por meio de relatórios entre professores, diretores, alunos, pais e funcionários, assim como entre membros da comunidade; coleta de dados sobre as atividades cotidianas no ambiente escolar;
- Elaborar material didático escrito e audiovisual para colaborar com os professores, diretores, funcionários e grupos de arte que desejarem atuar nos estabelecimentos escolares, em particular de jovens que tenham propostas nesse sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada na escola “Pássaro Amarelo”, localizada no interior de Lages-SC, teve como enfoque definir os tipos de violências que vêm ocorrendo no seio escolar, bem como identificar e sugerir formas de se combater os principais fatores que favorecem o aumento desta prática nas instituições de ensino e na sociedade.

A violência é o ato contrário à razão, à justiça, resultante do emprego da força para a solução de qualquer conflito humano, seja individual, seja coletivo. Compreendendo-se então as diversas formas de violência que nem sempre se caracterizam por violência física, quando esta é a forma mais perversa de violência praticada contra o indivíduo, confirmou-se que a maioria dos integrantes do seio escolar sofreu ou sofre a violência dentro da instituição.

Com a coleta dos dados oriunda das entrevistas e a análise aprofundada deste material, foi possível considerar que, devido ao avanço e maior disponibilidade e exposição às tecnologias, o *cyberbullying* é a forma de violência que mais tem sido praticada. Este tipo de violência se caracteriza por comportamentos agressivos que, na prática, utilizam modernas ferramentas como a internet e outras tecnologias de informação e comunicação, móveis ou fixas, com o objetivo de maltratar, humilhar e constranger. É o mais perverso ataque e vem ganhando dimensões imensuráveis, uma vez que a internet atinge o mundo como um todo, sem restrições ou barreiras devido às políticas públicas não serem voltadas para a realidade concreta vivida pelos sujeitos escolares.

O debate acerca da violência teve, portanto, como enfoque reflexivo, conscientizar cada um do seu papel na sociedade, dentro e fora da escola, na construção de um espaço inclusivo e qualitativo para a formação de crianças e adolescentes. Diante disso, ressalta-se que há muitas formas para se enfrentar o problema da violência, mas que todos devem trilhar o mesmo

caminho. A violência generalizada na família, na escola e na sociedade livre vem transformando o lugar “sala de aula” em palco para a discórdia, indisciplina e desobediência, cuja consequência é o caos.

A melhor forma de desenraizar os atos violentos dentro das instituições escolares, a fim de torná-las um espaço confortável e seguro para os indivíduos que os frequentam, deve partir de ações e de políticas públicas, voltadas para a realidade da comunidade escolar, que desenvolvam atividades de conscientização e integração entre pais, alunos, professores, gestores e de toda a comunidade escolar. O tema precisa ser trabalhado, também, de forma interdisciplinar, ou seja, o debate e a conscientização para a reorganização curricular, nas novas ambientações de aprendizagem, principalmente a internet, bem como, o respeito ao outro em todas as esferas da convivência dos alunos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam & OUTROS. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO Brasil, Rede Pitágoras, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

ARROYO, Miguel G. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BONETI, Lindomar Wessler. **Políticas Públicas por dentro**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

CARPENTER, Deborah & FERGUSON, Christopher J. **Cuidado! Proteja seus filhos dos Bullies**. São Paulo: Butterfly Editora, 2011.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1997.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. **Escola de Educação Básica General José Pinto Sombra**, 2011.

MALDONADO, Maria Tereza. **A face oculta: uma história de bullying e cyberbullying**. 1 ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

MARTINS, Rosimari Koch. **Política de Educação, Prevenção, Atenção e Atendimento às Violências na Escola**. DIEB/GEREF, Florianópolis, 2011.

MELO, Josevaldo Araújo de. **Cyberbulling: a violência virtual**. 2 ed. Recife: Edupe, 2011.